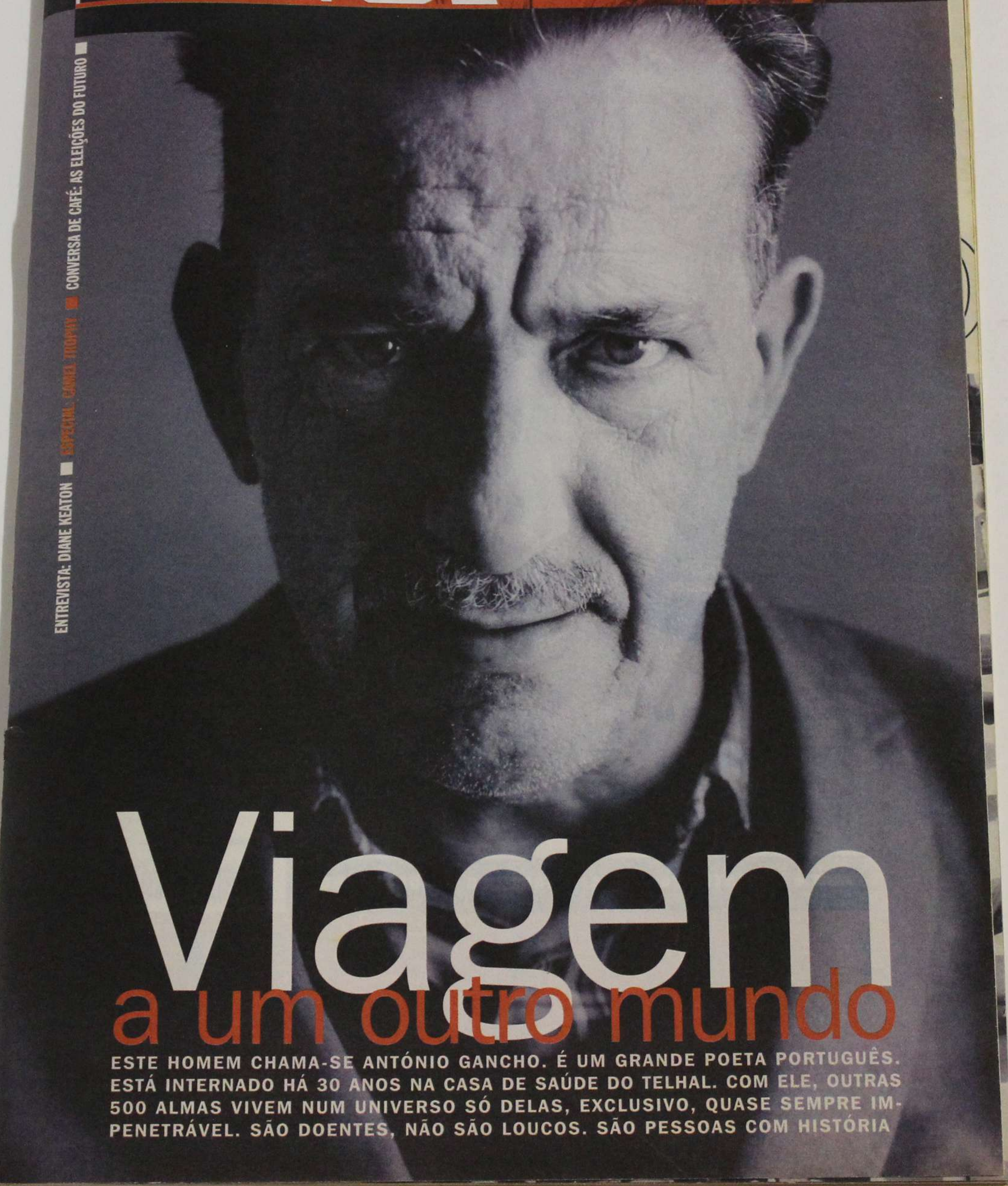


Edição nº 13  
2 DE MAIO DE 2008

ENTREVISTA: DIANE KEATON ■ ESPECIAL: CAMILA TROPHY ■ CONVERSA DE CAFÉ: AS ELEIÇÕES DO FUTURO ■

# DNa



# Viagem a um outro mundo

ESTE HOMEM CHAMA-SE ANTÓNIO GANCHO. É UM GRANDE POETA PORTUGUÊS. ESTÁ INTERNADO HÁ 30 ANOS NA CASA DE SAÚDE DO TELHAL. COM ELE, OUTRAS 500 ALMAS VIVEM NUM UNIVERSO SÓ DELAS, EXCLUSIVO, QUASE SEMPRE IMPENETRÁVEL. SÃO DOENTES, NÃO SÃO LOUCOS. SÃO PESSOAS COM HISTÓRIA

Conversas

Por Carlos Oliveira Santos

Mr. Tinsel morreu. Tinha 76 anos. Todos, mas mesmo todos os habitantes de Morrough foram ao funeral. Eram vinte e quatro. E todos o recordaram pela sua característica mais notória. Mr. Tinsel só falava, com cada um deles, sobre um assunto. Um único assunto.

Mr. Blondel cruzava-se com Tinsel num campo de margaridas onde ambos iam sentir o vento na cara. Durante as dezenas de anos em que se cruzaram só tocaram num assunto: o vento.

Com o velho Spender, Tinsel passou tempos e tempos à conversa sobre o único assunto em que Spender era notável: estrume, o melhor estrume do Oeste, usado para preparar as mais lindas orquídeas do mundo. Mas nunca por nunca ser falaram em orquídeas.

Com o coronel Ambrose, frente a duas canecas de cerveja, Tinsel não falava. O coronel detestava tagarelices frente a uma cerveja. Era como se falassem sobre o silêncio. Mas com Miss Ambrose, a filha do coronel, Tinsel já falava e muito. Sobre amor. A eterna menina era lida em romances e Tinsel ajudava-a a decifrar as páginas que ela achava mais obscuras. O capítulo IX do «Paradiso», de José Lezama Lima, por exemplo, ocupou-lhes vários meses.

Nada comparado com os anos que Tinsel ocupou a debater com Mr. Forbes a teoria da relatividade e a relatividade dessa teoria. Forbes lamentou aquela morte por duas razões: porque adorava Tinsel e porque estava à beira, sentia-o, dum excelente passo para opor ao seu interlocutor.

Elefantes, barcos, sopas, sonhos, folhas de papel, raízes, digestões foram alguns dos outros temas de Tinsel.

Naquele dia, cada um dos vinte e quatro habitantes que restavam em Morrough dedicou-lhe um sentido «So long, dear Tinsel». E só quando trocaram algumas palavras sobre o querido conterrâneo é que se aperceberam que ele falava em mais assuntos do que o que tratava com cada um deles. ■



## O Segredo das Flores Bonitas

*Quando saíram, o céu tinha limpado e o jovem absorveu com prazer as florinhas amarelas que se levantavam dos caminhos. Era engraçado isto de trabalhar uns tempos na província. Quase que podia ouvir o som da natureza a acordar com a Primavera*

CONTO DE DE TERESA MAIA E CARMO  
ILUSTRAÇÕES DE JOANA IMAGINÁRIO E FRANCISCO LANÇA

Uns chamam-lhe maçãs, outros chamam-lhe cebolas. Não sabia, mas no «Borda D'Água», que era o seu verdadeiro manual, chamam-lhe bolbos. E era qualquer coisa parecida com estas três palavras, o que via à sua frente. Uma coisa arredondada e escamosa, escura como a terra, com um som de doce borbulhar, muito baixinho a sair do ponto onde crescia o espigão verde.

Todos os dias ia vê-lo crescer. Cheirava-o, rodeava-o, dizia-lhe coisas. Muitos acontecimentos se metiam pelo meio. A filha, que não havia meio de se empregar e andara tanto tempo a queimar as pes-

tanhas. O mando, cada vez mais dispensável, parecia uma barata tonta com os anos. Parece que o tempo o desmanchou, ao contrário do que fez com ela.

- Havemos de ir tratar daquele buraco, ali no quintal. Daqui a nada está a noqueira sem terra e tudo para aí cheio de erva, disse a despropósito, naquele domingo à tarde.

- Tudo se faz, não te inquietes, homem. Apre, parece que tudo lhe dava apreensões, pensou enquanto acabava de pontear o fato de treino da miúda.

Poisou o cesto, agarrou numas linhas, numa coisa qualquer para ir embrulhando nas mãos, e foi lá fora espreitar. Tudo em ordem, a maçã estava a espigar bem.

O padre tinha dito que nem tudo é a festa que a televisão dá e que nem fica bem a gente de trabalho ficar até altas horas da noite a ver a SIC, toda às cores, com uma rapaziada sempre aos pulos. Que de palhaçada andava a gente farta, e o que era preciso era ajudarem-se uns aos outros. Ela ia ajudar a Júlia, sempre que podia.

- Então não achas que não deves andar aí pelos campos, sozinha, e com este vento... isto era a Júlia, na véspera.

- Homens! Sempre andei pelos cam-

pos, não era agora que ia deixar de andar. O vento é que os preocupava a todos, ninguém lhes tirava isso daquelas cabeças. Começava a notar um olhar enviesado da amiga, parecia que lhe estava a ganhar medo. Eram íntimas há tantos anos, tocaram tudo no nascimento dos respectivos filhos, e agora se lhe tinha ido o marido, ela nunca lhe faltara com nada. Cozinhou quando ela estava doente, ajudava na vinha e no que fosse preciso. Até que ela ganhou aquela mania de não olhar por onde andava.

- Sabes o que podíamos fazer? Dar aí uma volta, arranjar uma terra boa e acartá-la para cá. Ele cada vez percebia menos aquele desembaraço da mulher. Ele não conseguia fazer nada normalmente, desde o que acontecera à filha. Torturavam-no todos os arranhões do corpo dela, cada um dos cabelos arrancados, as mãos malditas do bandido a tomeá-la. O vestido bordeau todo enrodilhado, ainda a levantar-se com o vento, quando lá chegaram. Caía sempre naquele estuor absurdo, fugiam-lhe as forças todas para aqueles pensamentos. Ajeitou o boné e levantou-se devagar, a ver dela. Pela janela confirmou que andava de roda das flores. Mas agora ia à porta.

- Então já sabe da Júlia, coitada? Era a Amélia, lavada em lágrimas e descomposta pelo alvoroço. Ao fundo, no largo, juntava-se um magote de gente à porta da desgraçada. Caíra e batera com a cabeça. Nem o tempo do susto lhe deu para gritar e chamar os vizinhos, era assim viver sozinha.

Depois de todas estas confusões, ela pensava em como o preto até a fazia mais magra. E vinha a calhar por estes frios da Primavera, dava os meses que faltavam até ao Verão. Não precisava de se estar sempre a emperiquitar para sair à rua, limpava as mãos da terra à saia preta e pronto. Olhou para cima e sorriu. Cheiro o cheiro do seu homem na noqueira, ajelhou-lhe a terra e olhou para o lado. O gladiolo estava lindo e viçoso, assim de um cense de veludo. E ela sabia que no próximo ano ia acontecer o mesmo, bastava-lhe tirar o bolbo da terra e voltar a pô-lo outra vez. Tudo em ordem. E agora, se Deus quisesse, ninguém mais lhe iria pisar o jardim, esgravatar-lhe as flores, entomar ali porcanas.

Os agentes acabaram por desistir. Um deles, o mais novo, aquele que tinha a expressão mais sonhadora, olhou para trás antes de fechar a porta. Viu-a a encaminhar-se para o pequeno quintal, com uma paz no corpo que não podia ser a de uma assassina. Antes de puxar o ferrolho atrás de si, parou durante uns minutos a admirar a coragem daquela mulher que tinha perdido todos os que lhe compunham a vida - marido, filha, amiga de infância - e, ainda assim, continuar a viver naquela resignação quase feliz. Era uma lição.

Cá fora, o colega encolheu os ombros e propôs uma incursão rápida à taberna, «para analisar a situação». Quando ia para acender um cigarro, o vento gelado que se levantava de repente tapou o sol por momentos e levou-lhe a chama do isqueiro. Quando saíram, o céu tinha limpado e o jovem absorveu com prazer as florinhas amarelas que se levantavam dos caminhos. Era engraçado isto de trabalhar uns tempos na província. Quase que podia ouvir o som da natureza a acordar com a Primavera: pressentia que aquela gente ainda tinha muito que lhe ensinar. Agradava-lhe ter a certeza de que tudo estava em ordem. ■

## Acredite, se quiser

Esta vez nada do que vou contar é coisa que eu tenha visto na televisão. Há histórias que parecendo verdadeiras parecem mentira e outras que sendo inventadas nem por isso têm menos direito a existir. Believe it or not, lembram-se?

A primeira. Duas curtas histórias que vieram publicadas no Independente (vénia #1) do passado dia 24 de Abril na página 15: «Claravindências 1» e «Claravindências 2». A protagonista é a porta-voz da Expo 98, Clara Ferreira Alves, que garantiu em plena SIC a abertura do Gran-

de Evento mesmo que, e passo a citar (vénia #2): «não esteja tudo limpinho». Aparentemente indiferente ao asseio da Obra, a porta-voz, esclareceu ainda e cito (vénia #3): «Aquilo que vocês chamam de pavilhões não são pavilhões. Aliás, a maioria dos países já estão em obra». E mais não cito porque já tenho dores nas cruzes com tanta vénia. Moraleja: A Expo não é uma obra limpinha, não tem pavilhões, tem a maioria dos países em obra (?) e uma porta-voz sem alicerces e a precisar de ser escorada. Bonito serviço!

A segunda. O Ratinho é capaz de fazer as perguntas mais inacreditáveis a quem quer que seja. A conta disso o Ratinho tornou-se famoso, indispensável, rico e polêmico. O Ratinho não é um animal, mas para muitos não passa de uma besta. O Ratinho é o nome de um homem que conquistou o povo brasileiro através da te-

levisão, claro. É possível ouvir o Ratinho perguntar: «Você é gordo, feio e cheia mal. Qual é então o seu problema?». E o mais curioso é que há quem responda e quem veja. O Brasil é, conforme se sabe, um país geograficamente grande. Se o programa do Ratinho tem o aval do público deverá ser bom? Nestes casos a resposta mais prudente é o clássico semduf, ou seja, sem-dúvida-um-fenômeno. Moraleja: é possível que o Ratinho não passe de uma ratazana mas sempre com a certeza de que existem também meligas e percevejos.

Terceira. A mãe do Carlos Bruno esteve quase a desmaiar, ou coisa que o valha. Quem é o Carlos Bruno? Não sei bem. Mas uma coisa é certa a mãe do Carlos Bruno quena ser tão famosa como o filho. Não há direito.

Quarta e última. Segundo consta o «Programa do Além» vai acabar. Presumo que talvez se deva a uma conjuntura astrol desfavorável. Os astros nunca me enganaram! ■



Camila Coelho  
A Calha

## MUDE DE VIDA TODOS OS FINS-DE-SEMANA



Venha sentir a natureza em toda a sua plenitude numa das mais belas regiões do país.

Adquirir uma casa na Praia D'El Rey Golf & Country Club significa viver ou passar os seus tempos de lazer a escassos minutos de Óbidos, numa zona de grande interesse histórico, numa área natural protegida, entre a praia e um magnífico campo de golfe.

Tão perto que nem vai acreditar.

Uma verdadeira casa portuguesa onde estarão disponíveis todos os serviços próprios de um empreendimento de alta qualidade.



NOVA FASE JÁ  
DISPONÍVEL - LOTES COM  
VISTAS PARA O MAR  
E CAMPO DE GOLFE

Gostaria de receber informação mais detalhada.

Lotes  Moradias em banda  Apartamentos  Direitos de golfe

Nome \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_

Tel \_\_\_\_\_ Fax \_\_\_\_\_



PRAIA D'EL REY  
Golf & Country Club

ÓBIDOS

LOTES PARA VIVENDAS  
MORADIAS EM BANDA  
APARTAMENTOS  
CAMPO DE GOLFE  
CLUBE DE TÊNIS  
CENTRO HIPICO

LOTES PARA MORADIAS DESDE 12.000.000\$00  
APARTAMENTOS T2 DESDE 24.000.000\$00

Para mais informações ou para visitar a nossa casa modelo contacte:

Vale de Janelas - Apartado 2 - 2510 Óbidos

Tel. 062 - 90 92 32 - Fax. 062 - 90 96 29

E-mail: sales@praia-del-rey.com

Home page: <http://www.praia-del-rey.com>

PRAIA D'EL REY GOLF & COUNTRY CLUB